



O Visível e o Invisível na Cidade Moderna: A Poética na Primeira Metade do Século XX

The Visible and the Invisible in the Modern City: Poetics in the First Half of the Twentieth Century

Mariana Benevides da Silva

Graduada em Letras Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo: Este estudo propõe investigar a cidade moderna como espaço de representações sociais na poesia brasileira da primeira metade do século XX, tendo como eixo central a relação entre modernidade e o cenário urbano na lírica modernista. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, centrada na análise literária de poemas como “Inspiração”, da obra Paulicéia Desvairada (1922), de Mário de Andrade, e “Poema tirado de uma notícia de jornal”, da obra Libertinagem (1930), de Manuel Bandeira, articulando-os com referenciais teóricos de Célia Pedrosa (2000), Renato Gomes (1999), Kevin Lynch (1999), Mário de Andrade (2021) e Salete de Almeida Cara (1989). Por fim, o estudo busca demonstrar que a poesia modernista não apenas representa o espaço urbano, mas constrói um imaginário da cidade que reflete tensões sociais, experiências subjetivas e transformações culturais, mostrando como o visível e o invisível da cidade moderna se inscrevem na construção da lírica brasileira.

Palavras-chave: poesia brasileira; modernismo; cidade moderna; Mário de Andrade; Manuel Bandeira.

Abstract: This study aims to investigate the modern city as a space of social representations in Brazilian poetry of the first half of the twentieth century, taking as its central focus the relationship between modernity and the urban setting in Modernist lyric poetry. The research adopts a qualitative and interpretative approach, centered on the literary analysis of poems such as “Inspiração”, from Paulicéia Desvairada (1922), by Mário de Andrade, and “Poema tirado de uma notícia de jornal”, from Libertinagem (1930), by Manuel Bandeira, articulating them with the theoretical frameworks of Célia Pedrosa (2000), Renato Gomes (1999), Kevin Lynch (1999), Mário de Andrade (2021), and Salete de Almeida Cara (1989). Ultimately, the study seeks to demonstrate that Modernist poetry not only represents urban space but also constructs an imaginary of the city that reflects social tensions, subjective experiences, and cultural transformations, showing how the visible and the invisible dimensions of the modern city are inscribed in the construction of Brazilian lyric poetry.

Keywords: Brazilian poetry; modernism; modern city; Mário de Andrade; Manuel Bandeira.

INTRODUÇÃO

No Modernismo brasileiro da primeira metade do século XX, marcado pela Semana de Arte Moderna de 1922 e pelo processo de rápida urbanização, a cidade se tornou tema central de poetas que buscavam novas formas de expressão,

articulando imagens do cotidiano urbano, da modernidade e das transformações sociais. Nesse contexto, “a poesia é uma experiência do humano, uma experiência singular, uma espécie de relação do homem com as realidades do mundo e da vida” (Barbosa Filho, 2006, p. 18), evidenciando seu papel representativo que dialoga diretamente com a realidade urbana e com a experiência existencial do sujeito.

O Modernismo, ao romper com padrões estéticos tradicionais valorizados durante o período simbolista, conferiu ao poeta um papel ambíguo diante da cidade. Como ressalta Salete de Almeida Cara (1989, p. 44-45), observa-se:

Um novo papel do poeta – do sujeito lírico – diante da cidade moderna: ao mesmo tempo em que se acentua sua importância, pelo traço característico insubstituível de seu olhar, de seu recorte de mundo, acentua-se também sua impotência em dar um sentido definitivo àquilo sobre o que está falando e em dominar o próprio instrumento que usa.

Essa ambivalência permite analisar a cidade como espaço de expressão poética, mas também de tensões, contradições e limites da subjetividade moderna. Tendo isto em vista, o presente estudo tem como objetivo investigar as relações entre a lírica e os elementos urbanos na poesia modernista brasileira, com foco nos poemas de Mário de Andrade, “Inspiração”, da obra *Paulicéia Desvairada* (1922), e de Manuel Bandeira, “Poema tirado de uma notícia de jornal”, da obra *Libertinagem* (1930). A metodologia adotada consiste em uma análise interpretativa-comparativa, que combina leitura analítica dos poemas com fundamentação em teoria literária e estudos urbanos.

Para fundamentar a análise, a pesquisa se apoia em Célia Pedrosa (2000), que discute a inovação formal e a poesia urbana; Renato Gomes (1999), que trata da cidade como espaço simbólico e cultural; Mário de Andrade (2021), que oferece a perspectiva do próprio poeta sobre modernidade e experiência urbana; Salete de Almeida Cara (1989), que analisa o papel do sujeito lírico diante da cidade moderna; e Kevin Lynch (1999), na percepção e construção da imagem urbana. Além das contribuições de Barbosa Filho (2006) e Antônio Candido (2023) sobre a experiência poética e o papel do sujeito lírico diante da cidade moderna.

MODERNISMO BRASILEIRO E A EXPERIMENTAÇÃO POÉTICA

O Modernismo brasileiro, especialmente na primeira metade do século XX, constituiu um movimento cultural e literário de ruptura com tradições e convenções estéticas fortalecidas pelo Parnasianismo. Marcado pela Semana de Arte Moderna de 1922, o Modernismo buscou reinterpretar a realidade nacional e as possibilidades da linguagem, inserindo-se em um contexto de transformações sociais, políticas e urbanas. Em suas experimentações, os poetas modernistas questionaram a rigidez formal da tradição literária e abriram novos caminhos para a poesia, propondo não apenas mudanças estilísticas, mas uma revisão crítica das formas de pensar a arte e o país. Segundo Pedrosa (2000, p. 20):

Que podemos aprender com essas experiências da vanguarda? Em primeiro lugar, os poetas vanguardistas revelam — menos com seus manifestos do que com seus poemas — caminhos antes insuspeitados para a poesia. Enquanto produzem poemas que manifestam formas e empregam meios que, embora inegavelmente poéticos, rompem com as noções, as formas e os meios tradicionais da poesia, eles mostram de uma vez por todas o caráter acidental — e não essencial — desses meios, formas e noções tradicionais.

Essa perspectiva evidencia o caráter experimental do Modernismo, que não se restringiu a uma estética de ruptura formal, mas questionou também os pressupostos sobre o que poderia ser considerado “poético”, propondo uma quebra com estes padrões para que a poesia fosse compreendida para além da métrica e da idealização temática. No mesmo sentido, Pedrosa (2000, p. 20) enfatiza:

Devemos dizer, em quarto lugar, que eles nos obrigaram a expandir a nossa noção de poesia. Graças a eles, sabemos hoje que um poema não precisa, por exemplo, contar qualquer história, isto é, qualquer mito, nem ter tema ‘elevado’, nem empregar vocabulário ‘nobre’, nem usar formas tradicionais, nem obedecer a qualquer esquema métrico, nem ser composto de versos, nem ser rimado, nem ser rítmico, nem, no limite, ser feito de palavras.

Dessa forma, a experiência modernista ampliou o conceito de poesia, liberando o poeta e o sujeito lírico das amarras formais e temáticas herdadas pelos passadistas, compreendendo como possível objeto de análise poética tudo aquilo que não se concentre no ideal de belo. Para Alfredo Bosi (2022, p. 354):

Se por Modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou também uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira, então houve, no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural [...].

Assim, o Modernismo não se limitou à experimentação estética e constituiu também um esforço crítico e reflexivo sobre a sociedade brasileira, seu presente e suas possibilidades de transformação. Todavia, vale ressaltar que: “Todas as possibilidades formais continuam disponíveis e são empregadas em algum momento ou lugar” (Pedrosa, 2000, p. 21). Os modernistas não excluem o passado vivido, e sim incorporam ao fazer poético novas formas de compreender o mundo ao redor.

Essas mudanças implicaram uma visão da poesia como espaço de liberdade formal, experimental e crítica, abrindo caminho para que elementos da realidade urbana, cotidiana e social fossem incorporados à lírica. O caráter inovador do Modernismo, portanto, cria a base para compreender posteriormente a relação entre poesia e cidade, que se manifesta de maneira particularmente intensa na obra de poetas como Mário de Andrade (1893 – 1945) e Manuel Bandeira (1886 – 1968).

O Modernismo brasileiro surgiu em um contexto de rápidas transformações urbanas, quando cidades como São Paulo e Rio de Janeiro se tornavam centros de intensa atividade econômica, social e cultural. Esse ambiente urbano acelerado, marcado pela industrialização, pela expansão dos transportes e pela crescente concentração populacional, transformou a experiência cotidiana e passou a influenciar a produção artística e literária. Segundo Helena (1986, p. 47):

A Semana ecoou na imprensa e abriu caminho para a difusão dos três princípios fundamentais do modernismo brasileiro, segundo Mário de Andrade: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional.

Esse movimento de renovação estética se articulou diretamente com a percepção de uma cidade em constante transformação, oferecendo aos artistas um novo campo de observação e experimentação. De fato, a Semana de Arte Moderna de 1922 representou um marco na forma como a cidade passou a ser lida pelos escritores e poetas. Segundo Andrade (2021, p. 13):

A Semana de Arte Moderna de 1922 representou um relevante movimento no meio cultural brasileiro. Visando romper com o passado, trouxe ideias inovadoras para todos os campos das artes. Nas artes plásticas, suplantou o naturalismo das obras que tentavam espelhar o real. Na literatura, aproximou a linguagem escrita da língua falada nas ruas, afastando-se do português castiço dos parnasianos.

Dessa maneira, a cidade moderna passou a ser percebida como um espaço dinâmico e multifacetado capaz de refletir não apenas a realidade social, mas também as tensões e as múltiplas experiências do cotidiano urbano. A experiência poética modernista dialoga diretamente com essas transformações, incorporando o ritmo, o vocabulário e os conflitos da vida urbana, de forma a tornar a cidade um elemento central na construção do discurso lírico.

A presença da cidade na literatura modernista não se limita a um cenário descritivo, pois ela constitui um espaço que interfere na experiência poética, influenciando a linguagem e a perspectiva do sujeito lírico perante o mundo ao redor. Gomes (1999, p. 182) observa que “modernidade e experiência urbana formam um binômio de dupla implicação. A cidade, assim, constitui uma questão fundamental para os modernos; tornou-se uma paisagem inevitável, polo de atração e de repúdio, paradoxalmente uma utopia e um inferno.” A poesia urbana se enquadra neste binômio que reflete tanto o que há de positivo quanto o caos do espaço urbano. Ainda segundo Gomes (1999, p. 183 e 184):

A questão da representação da cidade na literatura brasileira contemporânea se complexifica quando a narrativa que tematiza o mundo urbano ganha dominância incontestável, dramatizando a ‘cidade global’, apresentando cenários urbanos largamente deslocalizados, onde tudo é implicitamente urbano.

Essa visão reforça a ideia de que a cidade moderna não é apenas pano de fundo, mas estrutura narrativa e poética, configurando-se como espaço de experiência e como elemento essencial para a obra. Pedrosa (2000, p. 16) complementa ao definir a “[...] poesia urbana. Trata-se da poesia da cidade não em primeiro lugar no sentido de que tenha a cidade por tema – seu tema pode ser o campo, como na poesia bucólica ou romântica – mas no sentido de que se origina na cidade e a ela pertence.” Assim, a cidade não aparece apenas como objeto de representação, mas como um espaço que possibilita a produção poética, moldando a linguagem e a percepção do poeta moderno.

Dessa forma, a poesia modernista brasileira da primeira metade do século XX utiliza a cidade como espaço de reflexão, experimentação e construção estética. Ela transforma o urbano em matéria poética, incorporando aspectos da vida social, da experiência individual e das tensões históricas e culturais que caracterizam a modernidade. Esse entendimento estabelece a base para as análises dos poemas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, nos quais a cidade se manifesta tanto como cenário quanto como elemento ativo da expressão lírica.

A cidade em Mário de Andrade

Em *Paulicéia Desvairada* (1922), Mário de Andrade constrói um retrato multifacetado de São Paulo, unindo elementos da experiência urbana com uma linguagem inovadora. Sua poesia apresenta certa estranheza diante da metrópole, devido ao seu ritmo acelerado, à pluralidade de vozes e às tensões sociais vivenciadas no período dos anos 1920, como, por exemplo, os resultados políticos e sociais gerados após o fim da I Guerra Mundial em 1918.

Como observa João Cabral de Melo Neto (1997, p. 98), “a necessidade de exprimir objetiva ou subjetivamente a vida moderna levou a um certo tipo especializado de aprofundamento formal da poesia, à descoberta de novos processos, à renovação de processos antigos.” Em Mário, essa renovação se concretiza por meio do verso livre e da quebra da linearidade narrativa, que reproduzem a percepção fragmentada da cidade. A relação entre o eu lírico e o espaço urbano também é permeada por tensões. Segundo Alves (2017, p. 776):

No que tange ao respeito à poesia, os ares urbanos fazem parte do seu ideário como se fossem uma representação na qual o eu lírico do poeta se entrelaça a ela, mas não sem expor as tensões existentes no espaço que acaba por cercar o ser humano de maneira tanto individual quanto social.

Em *Paulicéia Desvairada*, essa tensão se manifesta na simultaneidade de encanto e crítica, no retrato de uma São Paulo em expansão, mas também caótica e desordenada. Isto pode ser visto no primeiro poema da obra, “Inspiração”, em que Mário de Andrade (2021, p. 53) diz:

São Paulo! Comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...
Arlequinal!... Trajes de losangos... Cinza e ouro...

Luz e bruma... Forno e inverno morno...
 Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
 Perfumes de Paris... Arys!
 Bofetadas líricas no Trianon... Algodão...

São Paulo! Comoção de minha vida...
 Galicismo a berrar nos desertos da América.

Nos versos livres de métrica, percebe-se a cidade de São Paulo como um lugar contrastante marcado por opostos em coexistência, dividindo a cidade entre “Luz e bruma... Forno e inverno morno...”, como visto no quarto verso da primeira estrofe. A instabilidade desse cenário é reforçada por Lynch (1999, p. 124), ao afirmar que o “meio ambiente citadino transforma-se rapidamente, tal como se modificam as técnicas e as funções. Estas transformações são muitas vezes emocionalmente perturbadoras para o cidadão e desorganizam, por vezes, a sua imagem perceptível.” O olhar de Mário capta essa perturbação sentida pelo eu lírico, que sente as alterações vividas pela cidade, no entanto, não deixa de admirá-la. Para tanto, as duas estrofes iniciam com o mesmo verso, “São Paulo! comoção de minha vida...”, deixando para que o leitor julgue se a comoção é positiva ou negativa, “luz” ou “bruma”.

Apesar de seu papel central na renovação poética modernista, Mário de Andrade reconhecia seu vínculo com tradições literárias anteriores. Ele mesmo confessa em seu “Prefácio interessantíssimo”, “E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma vez das teorias-avós que bebeu” (Andrade, 2021, p. 36). Essa autopercepção demonstra que, embora buscasse romper com a formalidade poética, ainda assim, Mário de Andrade tinha consciência de que era um herdeiro de formas antigas experimentando novas linguagens.

A Cidade em Manuel Bandeira

Na poesia de Manuel Bandeira, a cidade não é apenas o espaço físico das ruas e construções, mas, também, um local subjetivo de memórias e experiências, como visto no poema “Poema tirado de uma notícia de jornal”, da obra *Libertinagem* (1930). Neste poema de estrofe única e versos livres, o espaço urbano se faz presente tanto no real quanto no imaginário, contribuindo para construir uma lírica que transita entre o cotidiano e o simbólico. Assim, pode ser visto no poema de Bandeira (2000, p.46):

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da [Babilônia num barracão sem número].

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Neste poema, assim como em outros de sua autoria, tal qual “Evocação do Recife”, também de *Libertinagem*, Bandeira funde experiências sociais a imagens da cidade, criando um espaço poético que é ao mesmo tempo concreto e imaginário. Nessa direção, Gomes (1999, p. 186-187) observa que:

Considerando que a cidade é o lugar em que o fato e a imaginação teriam de se fundir, aceitando, por outro lado, o fragmentário, o descontínuo, e contemplando as diferenças, os discursos contemporâneos cenarizam e grafam a cidade, com sua polifonia, sua mistura de estilos, sua multiplicidade de signos, na busca de decifrar o urbano que se situa no limite extremo e poroso entre realidade e ficção.

Essa fusão entre o real e o fictício torna a cidade um espaço multifacetado e instável. Como lembra Gomes (1999, p. 187), “a cidade, mais do que nunca, continua sendo uma paisagem inevitável, ao mesmo tempo que ‘morada incerta’”. Na poética de Manuel Bandeira, essa “morada incerta” é também o lugar das perdas, incertezas e distanciamento, como no caso de João Gostoso, em que uma vida e um instante se tornam, inevitavelmente, apenas uma manchete de jornal.

Além disso, a obra de Bandeira dialoga com a ideia de que “novos poemas continuam a se tornar acessíveis, dizendo coisas inauditas. O leitor ideal é potencialmente um crítico” (Pedrosa, 2000, p. 18). O poeta convida o leitor a se tornar partícipe na construção de sentido, a reconhecer as sutilezas do espaço urbano que se revelam nas suas entrelinhas, como a abordagem distante e fria de um jornal ao noticiar a perda de uma vida. Nesse sentido, a poesia convida o leitor a reinterpretar as experiências humanas diante da cidade. Em Bandeira, portanto, a cidade não é apenas pano de fundo, mas presença viva na construção de um lirismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a poesia brasileira da primeira metade do século XX, percebe-se que a cidade surge como um espaço marcado por tensões entre o avançar da modernidade e a tentativa dos indivíduos de se adaptarem às dinâmicas sociais urbanas. Enquanto Mário aborda a cidade de forma mais ampla e crítica da vida cidadina, Bandeira recria a cidade a partir de um olhar íntimo e fragmentário, no qual o espaço urbano atravessa a subjetividade e as percepções sociais.

Assim, a leitura dessas obras confirma que a representação da cidade na poesia modernista não se reduz a cenário ou pano de fundo, mas constitui elemento ativo na construção de sentidos, capaz de refletir e intensificar as interações sociais do Brasil da época. Nessa perspectiva, Antônio Candido (2023, p. 94) aponta que “A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. Ao serem revisitados, Mário e Bandeira não apenas revelam a vitalidade de suas obras, mas também demonstram como a poesia e a cidade,

nesse período, constituem um campo mutável e atual que reflete a complexidade cultural e histórica do Brasil na primeira metade do século XX.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alexandre. **Dois lados do Atlântico: a cidade em poemas de Ferreira Gullar e Manuel de Freitas**. Anais do IV CONLID: Congresso Nacional de Linguagem e Discurso. Mossoró: Edições UERN, 2017. p. 775-787.
- ANDRADE, Mário de. **Mário de Andrade e a Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Faro Editorial, 2021.
- BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem & Estrela da manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. **A luz é o rigor**. João Pessoa: Manufatura, 2006.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. 54 ed. São Paulo: Cultrix, 2022.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2023.
- CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Ática, 1989.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura**. Semear, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 179-188, 1999.
- HELENA, Lúcia. **Modernismo Brasileiro e Vanguarda**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. de Maria C. Afonso. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MELO NETO, João Cabral de. **Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- PEDROSA, Célia (org.). **Mais poesia hoje**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.